

## Apresentação

Este número dos *Cadernos de História da Ciência* apresenta vários artigos que abordam, sob diferentes ângulos a questão da Amazônia.

Por que a Amazônia? Como o artigo de Maria de Fátima Furtado e Myriam E. V. Calleffo demonstra o Instituto Butantan há várias décadas está na Amazônia Legal, seja através de inspeções sanitárias de interesse médico, expedições científicas para coleta de serpentes, contato com as instituições científicas INPA e Museu Paraense Emilio Goeldi, participação de resgate de herpetofauna nos enchimentos de reservatórios, entre outras.

Mais recentemente, após visita de pesquisadores do Butantan à região de Santarém e Belterra, teve início o projeto de implantação de uma Base Avançada nesta área, com ampla e progressiva participação de seus pesquisadores, motivados por:

- Rica biodiversidade da região, com a presença de diferentes biomas (floresta, cerrado e várzeas inundáveis) e, concomitantemente, de diferentes espécies de animais peçonhentos (há ali a presença dos quatro grupos de serpentes venenosas:- jararaca, cascavel, coral e surucucu)
- Alta incidência de acidentes por animais peçonhentos (serpentes, escorpiões, aranhas e arraias)
- Presença de duas grandes Unidades de Conservação:- a Floresta Nacional do Tapajós e a Reserva Extrativista Arapiuns - Tapajós, com área total de aproximadamente 1.200.000 hectares (12.000 km<sup>2</sup>)
- Importante patrimônio histórico tanto em Santarém como em Belterra
- Presença de comunidades ribeirinhas tradicionais bem organizadas e comprometidas com políticas de preservação e desenvolvimento sustentável
- Área de intensa e progressiva antropização com a expansão da fronteira agrícola (soja e grãos) e exploração madeireira e implantação da Rodovia Cuiabá - Santarém que será, ao lado da Belém – Brasília, o mais importante eixo de ligação Centro - Sul e Amazônia.

Os outros artigos também se relacionam a este projeto Butantan Amazônia. A análise de Priscila Faulhaber de história da ciência, comparando as duas unidades de pesquisa IMANI/Unidade Nacional da Colômbia e o Museu Paraense Emílio Goeldi é especialmente importante porque o Butantan deverá ser mais uma unidade de “fronteira científica” na região e porque o MPEG é importante parceiro em nosso projeto. Lembra-nos também que a Amazônia ultrapassa o território nacional e deve ser visto neste contexto internacional.

O artigo sobre Fordlândia traz a experiência histórica da presença americana na Amazônia e de seu fracasso no município de Aveiro e que foi reproduzido com a transferência do projeto para Belterra, onde será instalada a Base do Butantan. Nosso projeto na região inclui o registro da história deste empreendimento e os pesquisadores do Lab. de História da Ciência já deram início a estes estudos.

A resenha de Samuel Frederico e Pablo Ibañez que analisa a tese de doutorado “Mobilização do trabalho na Amazônia:- o Oeste do Pará entre Grilos, Latifúndios, Cobiças e Tensões”, de M. C. A. Castro discorre sobre a questão central da mobilização do trabalho na região de Santarém. O trabalho do Butantan, tanto do ponto de vista dos estudos da biodiversidade e bioprospecção como, principalmente, das ações de difusão cultural, têm que levar em conta esta realidade de conflito resultado da expansão da fronteira agrícola e da questão fundiária.

As ações do Instituto Butantan na região, através da realização anual dos Seminários Butantan Amazônia e dezenas de oficinas com lideranças comunitárias, professores, alunos e profissionais de saúde já nos permite um conhecimento “por dentro” da região, não um conhecimento pontual e externo. Já sabemos que estamos em um território onde a “temperatura é amena e a moderação das chuvas periódicas tornam o seu clima um dos mais privilegiados da terra” Esta citação de Bates do artigo de Jerônimo Alves “Determinismo climático e salubridade amazônica na percepção de Bates e Wallace” é fundamental para se entender a posição no século XIX destes naturalistas, ingleses, mas “homens da Amazônia por adoção recíproca” no dizer do autor.

Por fim, a entrevista com Bertha K. Becker é uma lição de brasilidade, compromisso com a ciência e com a Amazônia. Para ela a “Amazônia é

a própria geopolítica”; suas propostas para o desenvolvimento da região são claras e apoiadas no conhecimento científico. Entre outras afirmações, “não quero que se destrua a Amazônia mas também não quero que ela seja imobilizada, que vire museu” e “é necessário progredir para conservar através de uma ciência e tecnologia adequada, capaz de utilizar os recursos sem destruí-los” O projeto Butantan na Amazônia se identifica totalmente com estas diretrizes.

À medida que nossos pesquisadores trabalham na região vamos descobrindo que a Amazônia não é um todo homogêneo, não é um “inferno verde” nem um “paraíso perdido”. E também que a Amazônia não é um problema, mas uma solução.

**Otávio Mercadante**  
**Diretor do Instituto Butantan**